



Livro-reportagem “Contorno Sul – Para onde vai o jovem da periferia curitibana”¹

Estelita Hass Carazzai²
Orientador: Marcelo Lima
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

O livro-reportagem “Contorno Sul – Para onde vai o jovem da periferia curitibana” retrata a vida de jovens que moram na Vila Verde, comunidade na periferia de Curitiba (PR), localizada no sul da Cidade Industrial de Curitiba (CIC). A narrativa tem como foco o cotidiano, os conflitos, os projetos e as oportunidades de três personagens principais, com idades entre 17 e 21 anos. A partir da narração de seu cotidiano, foram desdobradas também as relações sociais daquela comunidade, sua história e os conflitos daquela população. O livro formou, dessa forma, um pequeno painel deste bairro periférico a partir da condição do jovem neste espaço.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; Vila Verde; livro-reportagem.

INTRODUÇÃO

O crescimento das áreas urbanas é responsável por um fenômeno socialmente relevante e bastante comum no país: os bairros de periferia. Esta periferia não é apenas geográfica, mas também social – é formada por aqueles que ficam à margem das oportunidades.

De acordo com Pallone (2005), a palavra *periferia* carrega um sentido político, econômico e social, porque pressupõe a existência de um centro. Periferia e centro são conceitos que determinam condições econômicas e sociais. Assim como há os países centrais e periféricos no cenário econômico mundial, nas cidades o conceito se aplica aos bairros, aos espaços onde está ou não o poder econômico. Portanto, empregar o termo *periferia* evidencia desigualdades sociais dentro de uma cidade.

Curitiba não foge deste cenário. A cidade é um centro urbano com 1,7 milhão de habitantes e tem uma região metropolitana de mais de 1,4 milhão de pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000). As periferias – geográficas e sociais – também existem na capital paranaense. A diferença de renda mensal por habitante entre o bairro mais rico e o mais pobre da capital evidencia a desigualdade. Segundo pesquisa

¹ Trabalho submetido ao IX Expocom Sul, na categoria B Jornalismo, modalidade produto diversional.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Positivo. E-mail: estelitacarazzai@yahoo.com.br.



divulgada no Boletim Socioeconômico de Curitiba, o Batel, bairro mais rico da cidade, tem renda mensal mediana por habitante de R\$ 3 500, enquanto o São Miguel, o mais pobre, chega a apenas R\$ 330 – a diferença é de R\$ 3 170 (COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DE CURITIBA, 2005, p. 17-18).

Acrescenta-se a isso o crescimento acelerado das periferias de Curitiba, que se tornam uma porção cada vez mais significativa na realidade social da cidade. Segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), Curitiba tem a segunda maior expansão metropolitana do país: 28,2% entre 1991 e 1996 (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 1999). A respeito do crescimento da periferia curitibana, Cristina de Araújo Lima, doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná, afirma que:

A região está crescendo no recorte espacial menos privilegiado, (...) que conta com limitados recursos para se inserir na marcha econômica do pólo. Ao invés de diminuir, há tendências de aumentar a população de sub-habitações, tanto de Curitiba quanto do aglomerado urbano contíguo. (LIMA, C. A.; 2004, p. 40)

A falta de políticas públicas eficientes é um dos principais fatores para a exclusão social encontrada em bairros de periferia. Para a doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo, Régia Cristina Oliveira, o fato está intimamente ligado ao histórico político do país.

Especialmente nos países mais pobres e nas democracias recentes, os regimes democráticos não obtiveram êxito no quesito ‘promoção social’, não conseguindo resolver a questão da desigualdade deixada pelos regimes ditatoriais. (OLIVEIRA, R., 2005, n. 2)

Esta é a problemática social da periferia: condições inadequadas de habitação, carência de oportunidades e políticas públicas e pouco poder político e econômico para efetivar mudanças.

O fenômeno ganha relevância quando desdobrado na vida de jovens e adolescentes, grupo que tem uma importância fundamental no futuro do país, mas é ainda pouco contemplado por projetos públicos. Régia Cristina Oliveira destaca a falta de políticas públicas destinadas a essa faixa etária.

A juventude, como um segmento *em transição* - da infância para a vida adulta - não tem lugar no sistema de proteção social brasileiro, estruturado com base no trabalho assalariado do mercado formal; seu espaço se reduz a programas pontuais, os quais estão geralmente dissociados de uma concepção mais ampla que alicerce um sistema de seguridade social. (OLIVEIRA, 2005, n. 2)



A falta de estrutura oferecida à juventude no Brasil, especialmente nas periferias das grandes metrópoles, que já carecem de políticas públicas mais efetivas, atinge cidadãos que poderiam ser protagonistas de transformações sociais e políticas, mas acabam fadados a uma existência pífia por falta de oportunidades.

A este problema, soma-se a cultura do consumo na pós-modernidade, que restringe o sentido da existência à sociedade de mercado, o que diminui as possibilidades de crítica e reflexão social e política. “*O comportamento de muitos jovens, marcado pelo consumo desenfreado e aliado à indiferença em relação aos demais, expressa a moral contemporânea*” (OLIVEIRA, R., 2005, n. 2).

A partir do que foi apresentado, ficou estabelecida a problemática que pauta este trabalho: a desigualdade social em Curitiba e sua manifestação na periferia da cidade, com foco nas conseqüências dessa realidade na vida dos jovens e em suas oportunidades.

2 OBJETIVO DO TRABALHO

Proporcionar uma reflexão, por meio de um livro-reportagem, sobre o jovem que habita a periferia de Curitiba, suas oportunidades e seus relacionamentos com a comunidade e a cidade.

3 JUSTIFICATIVA

O tema a ser abordado é representativo de uma realidade que não se limita a Curitiba, mas é extensiva ao Brasil e à América Latina, o que dá maior relevância ao tema. Os altos índices de crescimento urbano na segunda metade do século XX em países em desenvolvimento deram origem a aglomerados periféricos em que hoje vive parte da juventude brasileira e latino-americana. Vale destacar a similaridade entre as histórias dos países em questão, que hoje apresentam estatísticas e problemáticas sociais bastante semelhantes entre si. A maioria deles passou por regimes ditatoriais em meados do século passado, baseados em expansivo crescimento econômico, transferência da população do campo para as cidades, aumento da desigualdade social e acúmulo de dívidas internas e externas que impossibilitam, hoje, o investimento em políticas públicas de seguridade social.

Refletir sobre esta realidade e sobre o papel do Estado na elaboração de políticas públicas faz parte de premissas do jornalismo, que é um importante instrumento de cidadania na atual sociedade midiaticizada.



Sem a mídia, não é possível ao cidadão de uma sociedade complexa concretizar adequadamente os direitos e liberdades de expressão, associação, reunião e intervenção em assuntos públicos, assim como avaliar e eleger os seus representantes. (CARVALHEIRO, 2000, p. 2)

É importante destacar que as periferias crescem a cada ano, o que aumenta sua representatividade e a importância de falar e refletir sobre elas. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), entre 1991 e 1996, as periferias brasileiras cresceram em média 14,7%, taxa altíssima quando comparada ao crescimento dos núcleos centrais, de apenas 3,1% (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 1999).

Os jovens também constituem uma parcela representativa da população brasileira. Hoje, os jovens entre 15 e 24 anos, de acordo com o IBGE, somam 34,8 milhões de pessoas, o que corresponde a 19,1% por cento da população do país. Em Curitiba, também segundo o IBGE, a maior parte da população é de jovens entre 20 e 24 anos, que correspondem a 9% dos habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000).

Esses milhões de jovens vão construir o país nas próximas décadas. Refletir sobre suas condições sociais, econômicas e políticas faz-se fundamental, especialmente para proporcionar a auto-reflexão em busca de mobilização.

O produto deste trabalho constitui um instrumento para isso, na medida em que fornece referenciais para a ação coletiva de sujeitos sociais. O jornalismo, assim, torna-se uma ferramenta para o exercício da cidadania, fornecendo subsídios e informações para que a comunidade se mobilize e transforme a realidade à sua volta.

Bonin (2006) destaca a necessidade de ampliação do conhecimento sobre temas de compromisso com a realidade em que estamos inseridos e a relevância social e prática do trabalho, gerando conhecimentos para ação e intervenção.

Trata-se do compromisso que temos com a realidade (...) que nos coloca problemas relevantes e nos suscita sua compreensão, o desvendamento de seus fundamentos. (...) A ciência é um empreendimento coletivo e é nesse espaço que nosso esforço de pesquisa deve se colocar como contribuição. (BONIN, 2006, p. 25-26)

O livro-reportagem, neste caso, além de ser um instrumento para a divulgação da realidade da periferia a um público de classe média, que desconhece os conflitos deste contexto, também constitui um suporte adequado para a auto-reflexão dos retratados. Em mãos de professores, líderes ou integrantes destas comunidades, o produto pode ser



um meio para identificação, reflexão e início de uma mobilização social. Como afirma a psicanalista Maria Rita Kehl:

O desafio que se coloca para os jovens do terceiro milênio é o de produzir um campo de identidades (...) A juventude real precisa criar um novo dispositivo que lhe dê visibilidade. Precisa descobrir como representar-se em primeiro lugar diante de si mesma, e depois para o mundo. (KEHL, 2005)

Sobre a escolha do livro-reportagem, vale ressaltar que a complexidade da realidade social em questão exige um aprofundamento no tratamento das informações, que é característico desse suporte. A imersão necessária ao livro-reportagem segue o processo de conhecimento pensado por Elizara Marin em artigo sobre a Pesquisa em Comunicação, que justifica mais uma vez a importância de se estudar em profundidade o tema em questão:

O desenvolvimento do conhecimento adquire sentido quando se refere aos homens, ou seja, quando realiza uma imersão na vida; quando mergulha no conflito, nas culturas, nos processos; quando visa a aumentar a compreensão sobre o mundo e sobre o lugar do homem no mundo, angariando um domínio teórico e empírico (...) É a necessidade de pensar os sujeitos sociais como personagens, que não só sofrem a ação do meio (social), mas também agem nele, sobre ele e significam (MARIN, 2006, p. 69)

Com a finalização do projeto, por fim, o produto se tornou um material de pesquisa e referência, o que não seria possível com outros meios como jornais ou revistas e justifica novamente a escolha do suporte.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização deste projeto fez-se necessária, em primeiro lugar, uma pesquisa exploratória sobre os principais pontos a serem abordados ou utilizados pelo trabalho de reportagem. Foram eles: realidade urbana no Brasil e em Curitiba; condição da juventude brasileira; o jornalismo e a literatura como ferramentas de cidadania; livro-reportagem e técnicas narrativas. A pesquisa foi fundamentada em livros, publicações, bases de dados e em entrevistas realizadas com especialistas nos temas em questão.

A etapa seguinte foi a escolha de uma localidade da periferia curitibana e dos personagens que ilustrariam, no livro-reportagem, a condição do jovem que mora neste lugar. O local escolhido foi a Vila Verde, uma antiga ocupação na região sul de Curitiba. A área em que se localiza a comunidade era destinada à instalação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), prevista no planejamento urbano da capital paranaense desde a década de 1960. No entanto, o êxodo rural dos anos 1970 promoveu uma nova



ocupação das áreas periféricas da cidade: locais aparentemente ociosos, como a CIC, foram tomados por ocupações irregulares. Os governantes precisaram atender às demandas sociais destas comunidades, que se organizaram para conquistar direitos. A vila, hoje uma das maiores localidades da região, com 13.996 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000), representa o conflito entre o planejamento urbano e as demandas sociais, e por isso foi escolhida como cenário deste livro-reportagem. As primeiras crianças nascidas na Vila Verde, que surgiu em 1984, estão hoje com cerca de 20 anos, faixa etária contemplada por esse livro-reportagem. Suas histórias representam também a história da comunidade e as batalhas dos moradores, o que possibilitou a abordagem urbana e social que se pretendeu fazer no trabalho.

Com a escolha do local, a pesquisa passou à fase de entrevistas, à convivência com os jovens a serem retratados e à reportagem propriamente dita. Vale ressaltar que a reportagem deu destaque não apenas a aspectos objetivos e factuais da temática, mas também aos subjetivos, o que não é impeditivo, conforme explica Marin (2006), para a realização de um trabalho científico. Marin destaca a importância de utilizar um “diário de bordo”, a fim de registrar aspectos que, apesar de subjetivos, contribuem com a construção do conhecimento científico:

[O diário de bordo] é um recurso importante para registrar formas de comunicação, que instrumentos tecnológicos nem sempre captam: as emoções, as sensações, os comportamentos kinésicos, trazendo para a pesquisa dimensões vitais muitas vezes negadas pelo saber científico. Mills (1975) destaca que adotar o diário de campo é uma forma de produção intelectual, é o próprio exercício da reflexão. Em outras palavras, é uma forma de exercitar a imaginação criadora e fazer surgir a figura do artesão intelectual. (MARIN, 2006, p. 86)

Com a reportagem realizada, foi escrito o livro-reportagem, cuja construção foi baseada no que foi apurado na pesquisa teórica sobre técnicas de narrativa e livro-reportagem, e teve em mente o objetivo principal do projeto, que era destinar o produto também ao público retratado, em busca de torná-lo, como se propôs no início, um instrumento de cidadania e reflexão.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem foi construído em torno da temática “a condição do jovem de periferia”. Procurou-se dar destaque à questão social e urbana, fugindo da temática comportamental – embora a vida pessoal dos personagens também tenha sido abordada, o principal foco temático foi o social. Entre as principais questões expostas no livro,



estão o mercado de trabalho, as oportunidades de estudo, o relacionamento dos jovens com a comunidade, a sexualidade, a rotina, a condição urbana da Vila Verde e as oportunidades e expectativas para o futuro.

Três personagens foram escolhidos para conduzir a narrativa, que foi dividida em três partes, cada uma correspondente a um jovem.

A primeira personagem do livro é Ana Cláudia Bento, 21 anos. No trecho de Ana, se destacam o aspecto estudantil (a jovem tenta há três anos passar no vestibular de Administração), o familiar (a mãe é uma das primeiras moradoras da Vila Verde e se separou do marido quando a menina era pequena) e a questão do emprego (Ana já foi atendente de telemarketing, trabalhou em lojas da vila e hoje está desempregada). Foi também no trecho de Ana que a história da Vila Verde foi contada, o que possibilitou a inserção do leitor no ambiente do livro-reportagem logo no princípio da narrativa.

A segunda parte fala sobre Regiane Rodrigues dos Santos, 17 anos. Os capítulos versaram sobre a rotina da estudante de Ensino Médio, o surgimento da Vila III, a personalidade contestatória da garota e o seu envolvimento com Deus e a religião.

O último personagem é Claudemir Guerra, 19 anos. Esse trecho do livro fala sobre os limites da Vila Verde (o garoto mora no loteamento mais recente do local), a participação das comunidades católicas na região (ele é vice-presidente de uma delas), o seu envolvimento com a música sertaneja e as tentativas de inserção no mercado de trabalho.

A opção em dividir o livro por personagens foi feita por permitir uma narrativa mais solta e menos temática, que se desenvolvesse a partir do dia-a-dia e dos aspectos da vida de cada personagem, e não a partir de temas que poderiam tornar o livro extremamente didático e maçante – é a atenção aos aspectos banais do cotidiano, como se propôs na fundamentação teórica. Espera-se que, assim, a leitura torne-se mais envolvente, atraindo a atenção de mais jovens, que também são o público-alvo do produto.

O texto foi dividido em pequenos intertítulos, para que a leitura se tornasse mais compartimentada e facilitada. A escolha dos títulos dos capítulos se deu a partir de frases dos próprios personagens, também com a intenção de deixar o texto menos burocrático.

No total, foram três semanas de reportagem e 28 pessoas entrevistadas. Todas as entrevistas, à exceção de uma (com o departamento de regularização fundiária da Cohab), foram feitas pessoalmente – a maior parte delas na casa dos próprios



entrevistados. As entrevistas que fizeram parte da fundamentação teórica, que envolviam lideranças da comunidade ou profissionais que dominavam alguma das temáticas abordadas, foram gravadas. As demais, com os personagens e com moradores da vila, foram apenas anotadas à mão, pois se percebeu que esse procedimento deixava os entrevistados mais à vontade e mais espontâneos – comportamento fundamental para que o livro ganhasse em riqueza de detalhes e em autenticidade.

Na narrativa, procurou-se intercalar as histórias dos personagens com depoimentos de outros entrevistados, que traziam outras temáticas ao livro, como a história da Vila Verde, um conflito familiar, a participação das comunidades católicas na região, o início da mobilização da população local. Também os especialistas entrevistados foram inseridos entre as experiências dos personagens principais, para que se cumprisse a proposta inicial de promover o diálogo entre o cotidiano e a análise.

O livro-reportagem, portanto, cumpriu sua função de servir como instrumento de reflexão e também de documentação – na verdade, mais do que se esperava a princípio, já que quase não há registros da história da Vila Verde. O produto, assim, ganha em relevância, e torna-se um documento importante e objeto de interesse para toda a população da Vila Verde.

5.2 PROJETO GRÁFICO

O livro foi impresso em formato A5, na vertical. O papel é offset 90g. No total, são 112 páginas. Todo o miolo foi concebido pela autora, em Adobe PageMaker 6.5. No corpo do texto, foi utilizada a fonte Zap, tamanho 11,5. A fonte também foi aplicada nos números das páginas, localizados no canto inferior externo do papel, em tamanho 14 e cor cinza.

Os capítulos iniciam-se em uma página diferenciada, com título e número do capítulo centralizados e com uma margem maior. O número do capítulo é subposto ao título, e está em fonte Zap, tamanho 100 e cor cinza. O título, também na fonte Zap, está em tamanho 24, cor preta.

Cada uma das partes referentes a um personagem é aberta em uma nova página, com título em Zap tamanhos 24 e 50, e uma foto, impressa em preto e branco – no total, são apenas três fotos no miolo do livro. As fotografias são de autoria de Luciano Sarote.

A foto da capa, também de Sarote, procura retratar os caminhos a serem seguidos pelo jovem de periferia e também caracteriza o espaço social que eles ocupam. Enquanto o ambiente está em preto e branco, a menina que percorre a rua foi deixada



em cores no tratamento gráfico da imagem, para que se desse destaque ao elemento principal do livro: o jovem. A capa, idealizada pelo designer Rodrigo Scandelari, foi impressa em couchê 170g. Foram utilizadas as fontes Blue Highway e Verdana para o título, subtítulo, assinatura e lombada. Na contracapa, há um box com um resumo do livro, em que foi utilizada a fonte Zap.

6 CONSIDERAÇÕES

Uma frase do dramaturgo Bertold Brecht sintetiza a postura que foi necessária à execução deste projeto: *“Estranhem o que não for estranho. Tomem por inexplicável o habitual. Sintam-se perplexos ante o cotidiano”*.

De fato, há que se abrir bem os olhos e exercitar a sensibilidade para encontrar no banal dia-a-dia dos habitantes da Vila Verde algo que vá além do óbvio e que merecesse ser retratado neste livro-reportagem.

A princípio, poucos fatos desse ordinário cotidiano motivariam os jornalistas da grande imprensa ou de veículos diários a escrever sobre os jovens da Vila Verde. A produção jornalística é pautada pela novidade, pelo extraordinário, como foi diagnosticado pela fundamentação teórica deste projeto.

Como oposição a este pensamento, retomo as idéias de Cremilda Medina (2003), que propõe um novo caminho para a pesquisa e o jornalismo, um caminho afetivo e artístico que mergulhe na complexidade da contemporaneidade e revele as profundezas de atores sociais anônimos e a multiplicidade do cotidiano. Medina destaca a postura tríade do jornalista (sentir-pensar-agir), a observação participativa herdada da antropologia e a *“razão complexa, inquieta, interrogativa, afetada pela experiência solidária”* (MEDINA, 2003, p. 134).

Adotar uma postura inquieta e sensível foi a tentativa desta pesquisa, que buscou as sutilezas do dia-a-dia em personagens anônimos, responsáveis pela construção da realidade social daquela vila no sul de Curitiba. Participar de aulas de Ensino Médio, ouvir o que os jovens tinham a dizer sobre os colegas que encontravam na hora do intervalo, comer o arroz com feijão requentado do dia anterior, encher bexigas para a festa da padroeira, fazer aulas de ginástica e participar da Noite do Pastel da comunidade mesmo em meio ao “apagão” de luzes daquela noite de agosto foram algumas das experiências vivenciadas cujas peculiaridades foram trazidas ao livro-reportagem. Os pequenos comentários e episódios do dia-a-dia enriqueceram o trabalho



e fizeram com que fosse traçado um painel sensível daquela realidade, que foi além de impressões estatísticas e análises de especialistas.

Buscar as sutilezas do cotidiano e noticiá-las é algo que urge ser feito no jornalismo brasileiro, ao menos se este pretende compreender as estruturas de sua sociedade e trabalhar para sua reflexão e transformação. Para encerrar, recorro mais uma vez à Medina, que lembra o quão enriquecedor é reconhecer o mundo e lhe imprimir o toque humano:

É aí que o artista se encontra com o cientista e ambos se contaminam com a fabulação das sabedorias poéticas do cotidiano. [...] O reencantamento pela cultura, produção de significados e comportamentos que caracteriza o humano, pode ajudar a mergulhar nos mistérios da criação. (Idem, pp. 60 e 77)

REFERÊNCIAS

BONIN, Jiani. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um objeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et. al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CARVALHEIRO, José Ricardo. **Média e cidadania na periferia portuguesa**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/carvalheiro-jricardo-media-cidadania.pdf>>. Acesso em: 23.fev.2007.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DE CURITIBA. **Boletim de Informações Sócio-Econômicas de Curitiba**. Editora Curitiba S.A., 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Seminário sobre desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro, 1999.

KEHL, Maria Rita. **Não se fazem jovens como antigamente?** Agência Carta Maior, Jan. 2005. Disponível em <http://cartamaior.uol.com.br/templates/columnaMostrar.cfm?coluna_id=3169>. Acesso em: 25. mar. 2007.

LIMA, Cristina de Araújo. Multiespacialidades metropolitanas e construção social do lugar – rumos para a sustentabilidade. **Desenvolvimento e Meio-Ambiente**, n. 9, p. 39-56, jan./jun. 2004.

MARICATO, Ermínia. **Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras**. São Paulo Perspec., Out./Dez. 2000, vol.14, n. 4, p. 21-33.

MARIN, Elizara Carolina. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, Alberto Efendy et. al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006.



MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Editora Summus, 2003.

OLIVEIRA, Régia Cristina. Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21.nov.2006.

PALLONE, Simone. **Diferenciando subúrbio de periferia**. Cienc. Cult., Abril/Junho 2005, vol. 57, n. 2, p.11.